

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS-MG

VITÓRIA PEREIRA DA SILVA

**O desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra após a criação das sociedades bancárias, descrito por Adam Smith no livro a Riqueza das Nações**

VARGINHA/MG

2019

Vitória Pereira da Silva

**O desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra após a criação das sociedades bancárias, descrito por Adam Smith no livro a Riqueza das Nações**

Trabalho de conclusão do PIEPEX apresentado como parte dos requisitos para conclusão do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas. Orientador: Prof. Thiago Fontelas Rosado Gambi

VARGINHA/MG  
2019

Vitória Pereira Da Silva

**O desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra após a criação das sociedades bancárias, descrito por Adam Smith no livro a Riqueza das Nações**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova o trabalho de conclusão do PIEPEX (TCP) apresentada como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharela Interdisciplinar em Ciência e Economia pelo instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UNIFAL-MG

Trabalho aprovado em 28/01/2020

Prof. Dr Thiago Fontelas Rosado Gambi

Instituição: ICSA/UNIFAL-MG

---

Prof. Dr Patrick Fontaine Reis de Araújo

Instituição: ICSA/UNIFAL-MG

---

Prof. Dr Jaime Ernesto Winter Hughes León

Instituição: ICSA/UNIFAL-MG

---

Varginha/MG

2019

## Resumo

O objetivo do presente trabalho é analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, o desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra após a implantação das sociedades bancárias, tal como descrito no livro *A Riqueza das Nações*, de Adam Smith. Em primeira instância, o trabalho apresenta o funcionamento da emissão das notas promissórias pelos bancos com a finalidade de substituir o ouro e a prata. A substituição das moedas metálicas pelo papel-moeda facilitou a movimentação e a circulação do dinheiro. Dessa forma, a emissão dessas notas ampliou a atividade econômica, quadruplicou a agricultura da Escócia e também acelerou o desenvolvimento da Inglaterra. A seguir, foram abordadas questões sobre o funcionamento da concessão de empréstimos concedidos pelos bancos e as normas para se obter empréstimos, assim como as estruturas das contas de caixa, e principalmente a importância dos reembolsos, para que não houvesse excesso do papel-moeda na economia. Finalmente, o trabalho apresenta, de forma sucinta, os casos de desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra. O trabalho permitiu concluir que, na visão de Smith, os bancos fomentaram a economia escocesa e inglesa.

**Palavra Chave:** Bancos, Escócia, Inglaterra, papel-moeda, desenvolvimento econômico, Adam Smith, *Riqueza das Nações*.

## Sumário

1. Introdução.....	6
2. Moeda e Bancos.....	9
3. Empréstimo e Bancos.....	11
4. Casos da Escócia e Inglaterra.....	14
5. Considerações Finais.....	16
6. Referências Bibliográficas.....	17

## 1. Introdução

Adam Smith foi um importante filósofo e economista escocês, e se tornou um dos principais teóricos do liberalismo econômico. Nasceu na cidade escocesa de Kirkcaldy, em 1723, e faleceu em Edimburgo no dia 17 de julho de 1790. Filho de uma típica família da classe alta não nobre da época, seu pai, também chamado Adam Smith, era funcionário público e chegou a ocupar postos de grande importância na administração escocesa (FRITSCH, 1996a, p.5).

O primeiro grande momento de sua carreira viria em 1759 com a publicação da *Teoria dos Sentimentos Morais* (FRITSCH, 1996a, p.7). A Riqueza das Nações viria a ter como ponto de partida para o estudo da Economia ao longo de quase todo o século XIX. Em 1800 estavam disponíveis várias edições, americanas, versões em francês, alemão, italiano, dinamarquês e em espanhol (FRITSCH, 1996a, p.8).

A implementação dos bancos na Escócia e Inglaterra promoveu a ampliação do comércio e negócios nos países da Europa, como também com os países do mundo todo. Os bancos foram os responsáveis pela função de emitir o papel-moeda necessário para a circulação de mercadorias na sociedade. Na visão de Adam Smith, em A Riqueza das Nações, as sociedades bancárias, cujo objetivo era ampliar a comércio, e principalmente aumentar o lucro dos comerciantes, contribuíram para promover o progresso econômico dos países onde foram criadas.

Pode-se dizer que a substituição do dinheiro em moeda de ouro e prata por papel-moeda tornou-se muito mais barata e igualmente adequada para o uso de comerciantes, agricultores, fabricantes e, enfim, para toda a sociedade. Há vários tipos de papel-moeda, porém, o mais conhecido era aquele emitido por bancos e banqueiros. O papel-moeda ou as notas emitidas por eles costumavam ter a mesma aceitação pública que as moedas de ouro e prata (SMITH, 1996a, p.302).

Além da emissão de moeda, os bancos também faziam empréstimos. Smith mostra que operações desse tipo eram realizadas em bancos da Escócia e Inglaterra, mas afirma que os bancos escoceses possuíam algumas vantagens, como a operação bancária denominada conta de caixa. Essa operação consistia em um novo método de emissão de notas por parte dos bancos, isto é, o banco liberava na conta de caixa um crédito até certa quantia para qualquer cliente que apresentasse dois avalistas e fossem donos de propriedade. Essas eram as precauções tomadas pelo banco para garantir que todo o dinheiro adiantado ao cliente fosse reembolsado, com juros, quando solicitado (SMITH, 1996a, p. 306).

Os bancos ingleses não ofereciam esse tipo de operação, por isso, seus clientes, notadamente os comerciantes, tinham que conservar consigo ou em caixa uma soma considerável de dinheiro para realizar pagamentos. Esse dinheiro ficava, portanto, parado, sem render juros ou lucros ao seu proprietário. Smith via nessa situação uma grande vantagem que os bancos escoceses propiciavam aos comerciantes do país (SMITH, 1996a, p. 306).

Com a ampliação das operações bancárias, poderia ocorrer um excesso de papel-moeda, ou seja, os bancos poderiam emitir uma quantidade de notas maior do que a necessária para efetivar o conjunto das transações comerciais no mercado. Nesse caso, na visão de Smith, caberia aos próprios bancos controlar o volume de notas emitidas, por meio, por exemplo, da restrição do crédito de clientes que não conseguissem pagar seus empréstimos anteriores.

Além da moeda e do crédito, Smith analisou o desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra e tentou mostrar como os bancos foram muito importantes nesse processo. O objetivo deste trabalho é acompanhar a análise de Adam Smith, em *A Riqueza das Nações*, sobre a moeda, o crédito e sua avaliação do desenvolvimento da Escócia e Inglaterra a partir da criação dos bancos. Para isso, o trabalho utiliza como metodologia a revisão bibliográfica, basicamente, da obra de Smith. Foram selecionadas nessa obra as passagens que diziam respeito ao tema moeda, crédito e bancos, e, a partir delas, o trabalho acompanha a análise do autor. Não se encontrou artigos em português sobre o assunto, como exceção de um cujo tema é justamente a teoria monetária e bancária de Adam Smith.

O trabalho está estruturado em três partes, além da introdução e conclusão. A primeira trata do funcionamento da emissão de papel-moeda pelos bancos, ou seja, da importância das notas promissórias para o desenvolvimento dos próprios bancos e principalmente da economia como um todo, assim como do perigo do excesso de emissão de papel-moeda. A segunda parte aborda as operações de empréstimo e as vantagens que Smith observava nas operações dos bancos escoceses em comparação com os ingleses, especialmente, nas operações de contas de caixa. A terceira parte apresenta a análise de Smith sobre o desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra e sua relação com os bancos.

## 2. Moeda e Bancos

Na história da economia monetária, uma das formas de estimular o progresso econômico foi a substituição da moeda metálica – especialmente ouro e prata - pelo papel-moeda, na medida em que, primeiro, liberou recursos (parte do ouro e da prata que ficavam estocados nos bancos) para a atividade econômica e, posteriormente, rompeu os limites da emissão impostos pela oferta de metais. Segundo Adam Smith, ao considerar os casos da Escócia e Inglaterra, a emissão de papel-moeda pelos bancos comerciais representou um sistema adequado e estável para administrar a oferta de dinheiro na sociedade (NEUHAUS, s.d., p.222).

Como mencionado, há vários tipos de papel-moeda, sendo o mais importante o emitido pelos bancos dada a confiança que as pessoas têm de que suas notas serão trocadas por metal em qualquer momento. Se essa confiança existisse, essas notas passavam a ter a mesma aceitação que as moedas de ouro ou prata (SMITH, 1996a, p.301). Os bancos constituídos em quase todas as cidades grandes e mesmo em aldeias do interior da Escócia e da Inglaterra faziam a operação de emissão de notas. Essas notas foram substituindo as moedas de metal para fazer compras e pagamentos de todo tipo, por isso Smith afirma que o comércio desses países foi movimentado pelo papel-moeda. Uma consequência da introdução e disseminação do papel-moeda nas transações foi a redução da necessidade de ouro e prata para realizá-las, o que permitiu ampliar a oferta de moeda para atender as necessidades de consumo e investimento produtivo da sociedade, como ilustra Smith com o caso escocês.

Mas, segundo Smith, deveria haver um limite para a emissão de papel-moeda. Em sua visão, o valor total do papel-moeda emitido não poderia superar o valor do ouro e da prata existente no país. Em caso de excesso, esperava que as pessoas, ao perceberem que tinham mais papel-moeda do que o necessário para a realização de suas transações comerciais, imediatamente o levasse para os bancos para trocá-lo por metal. Os bancos, por sua vez, deveriam aumentar a reserva de metal em seus cofres em momentos de elevada emissão (SMITH, 1996a, p.309). Por exemplo, suponhamos que o total de papel-moeda de determinado banco, em circulação no país, represente exatamente 40 mil libras; e que para atender aos pedidos ocasionais de pagamento, o banco seja obrigado a manter constantemente em seus cofres 10 mil libras em ouro e prata. Se, este banco tentar fazer circular 44 mil libras, as 4 mil libras que ultrapassam, voltariam ao banco quase com a mesma rapidez que foram emitidas. Portanto, Smith achava que, para atender a esses efeitos ocasionais de pagamento, o banco deveria

manter constantemente em seus cofres não apenas 10 mil libras, mas 14 mil libras (SMITH, 1996a, p. 309).

Segundo a visão de Adam Smith, este exemplo citado anteriormente seria apenas uma maneira de reduzir o excesso de papel-moeda circulando na economia destes países, em relação ao aumento de libras que os bancos deveriam manter constantemente em seus cofres, ajudaria a reduzir as despesas dos bancos ao realizar a cunhagem em ouro e prata. Portanto, caberia aos bancos ao mesmo tempo em que emitem mais moeda, caberia a eles aumentar também suas reservas, para que assim reduzissem suas despesas em casos de elevadas cunhagem de ouro e prata.

Portanto, a emissão de papel-moeda pelos bancos da Escócia e Inglaterra permitiu liberar metais para serem utilizados na economia e possibilitou a ampliação da oferta de moeda, com isso, a atividade econômica foi estimulada. O maior problema era o excesso de emissão de notas em relação às transações comerciais, mas, na visão de Smith, as notas em excesso voltariam aos bancos para ser trocadas por metais. Assim, para evitar problemas, bastaria aos bancos aumentar suas reservas de metal em momentos de elevada emissão de papel-moeda.

### 3. Empréstimo e Bancos

Smith (1996a, p.306) apresenta as contas de caixa, inventadas na Escócia, como uma vantagem dos bancos escoceses sobre os ingleses. As contas de caixa representavam uma operação de empréstimo por meio da emissão de notas promissórias do banco. Esse tipo de crédito alcançava a quantia de até 3 mil libras e, comumente, o banco aceitava como garantia a propriedade fundiária do tomador do empréstimo.

De maneira geral, um capital emprestado a juros representava uma transferência do prestador para o tomador, sob a condição de que o tomador, em troca e durante a vigência do empréstimo, pagasse anualmente ao prestador uma parcela menor denominada juros e, ao final da vigência do empréstimo, repusesse ao banco o capital inicial que o prestador lhe havia cedido, o que se chamava reembolso. (SMITH, 1996a, p. 351)

Mas o empréstimo concedido pelos bancos, nos casos da Escócia e Inglaterra, costumava ser reembolsado em prestações, sendo que o banco ia cobrando uma parte proporcional dos juros em cada prestação até que o pagamento total fosse reembolsado, por exemplo, um empréstimo de 1.000 libras podia ser pago em prestações de 20 e 30 libras até que a soma total do empréstimo concedido fosse paga (SMITH, 1996a, p.306)

A relação entre os empréstimos, as notas dos bancos e a economia pode ser vista na seguinte sequência: quando os clientes (comerciantes, fabricantes, arrendatários, etc.) procuravam os bancos para tomar empréstimo, geralmente recebiam notas promissórias emitidas pelo banco. Com essas notas, os comerciantes pagavam os fabricantes pelas mercadorias, os fabricantes aos arrendatários pelos materiais e mantimentos concedidos, os arrendatários aos proprietários de terra pelos arrendamentos; os donos de terras, por sua vez, pagavam os comerciantes pelas mercadorias e, por fim, os comerciantes as devolviam aos bancos para equilibrar suas contas de caixa ou para repor-lhes o que tomaram de empréstimo. Dessa forma, quase todos os negócios financeiros do país eram transacionados por meio de notas bancárias (SMITH, 1996a, p.307).

Então, quando um banco descontava para um comerciante uma letra de câmbio real, ou seja, lhe fazia um empréstimo, o tomador se comprometia a pagar o título na data do vencimento, repondo ao banco o valor adiantando juntamente com juros. Dessa forma, Smith relaciona o movimento de entrada e saída de dinheiro dos cofres de um banco a um reservatório de água, do qual, embora saia uma torrente, uma outra torrente

continuamente entra, perfeitamente igual a que sai, com objetivo de mantê-lo sempre em nível igual ou quase igual (SMITH, 1996a, p.311).

Os bancos deveriam fazer contas para funcionar exatamente assim. Portanto, o banco, ao negociar com seus clientes, deveria observar com cuidado se no decorrer de um período, por exemplo, 4, 5, 6 ou 8 meses, a soma dos reembolsos que ele receberia dos clientes seria ou não exatamente igual à soma dos adiantamentos que concedeu aos tomadores. Se, nesse período, a soma dos reembolsos fosse igual à soma dos adiantamentos concedidos, o banco poderia tranquilamente continuar a negociar com eles; se fosse menor, o banco deveria ser mais cuidadoso ou até mesmo evitar novos empréstimos (SMITH, 1996a, p.312).

Com as contas de caixa, inovação escocesa, o comerciante podia efetuar um volume maior de negócios. Por exemplo, suponha dois comerciantes, um em Londres e outro em Edimburgo. O comerciante de Edimburgo possui contas de caixa, com isso, pode utilizar o banco para efetuar maiores volumes de negócios e empregar um contingente maior de mão de obra. Por outro lado, o comerciante de Londres que não possui contas de caixa deverá sempre conservar consigo uma soma considerável de dinheiro em seus próprios cofres ou nos de seu banqueiro inglês, o qual não lhe pagava juros. Portanto, o comerciante londrino sempre teria que manter sem rendimentos uma quantia de dinheiro para fins de pagamentos, ocasionando um lucro anual menor e, por conseguinte, também empregando um contingente menor de mão de obra (SMITH, 1996a, p.307).

Já o comerciante de Edimburgo não precisa manter reservas de dinheiro não aplicado para atender as demandas ocasionais de pagamento. Quando estas aparecem, os pagamentos são feitos com sua conta de caixa que mantém no banco que, progressivamente, repõe a soma emprestada com o dinheiro ou os títulos que entram referentes às vendas de suas mercadorias. Portanto, com o mesmo capital, ele pode ter em seu depósito uma quantidade maior de mercadorias do que o comerciante londrino, gerando um lucro maior e empregando mais gente. Dessa maneira, Smith (1996a, p.307) mostra como a economia da Escócia tinha se beneficiado com os bancos e, particularmente, com as chamadas contas de caixa.

Portanto, diante das considerações sobre o funcionamento dos empréstimos feitos pelos bancos da Escócia e Inglaterra, é possível concluir que o dinheiro emprestado a juros é sempre considerado um capital pelo prestador. Sendo que este espera, junto com a restituição do dinheiro emprestado ao tomador, certa renda pelo uso

do mesmo, o juro. O tomador do empréstimo, por sua vez, utiliza o empréstimo como capital (para investimento) ou como dinheiro (para consumo). Se o emprega como capital, utiliza-o com a mão-de-obra produtiva, a qual gera lucro, movimentando a economia e cria dinheiro novo para pagar o empréstimo tomado com juros (SMITH, 1996a, p.350).

Nesta seção, Smith explicou como as notas emitidas pelos bancos se relacionavam com os empréstimos feitos por eles e, por sua vez, como esses empréstimos podiam estimular a atividade econômica de um país, evidenciando a relação entre bancos e crescimento econômico. Foi esse o caso da Escócia e da Inglaterra.

#### 4. Casos da Escócia e Inglaterra

A implantação de novos bancos na Escócia e Inglaterra foi efetuada na maioria das cidades com desenvolvimento mais acelerado, como também nas cidades do interior com desenvolvimentos mais lentos. As operações bancárias, especialmente a emissão de moeda e crédito, contribuíram para ampliar os negócios desses países, tal como descreveu Smith (SMITH, 1996a; 1996b) em *A Riqueza das Nações*.

Na Escócia, o comércio mais que quadruplicou desde a implantação dos dois bancos da capital, Edimburgo, o Banco da Escócia, criado em 1695, e o Royal Bank of Scotland (Banco Real da Escócia), criado em 1727 (SMITH, 1996a, p.305). A emissão de papel-moeda parece ter tido importante papel nessa história. De acordo com Smith (1996a, p. 307), o total do dinheiro em circulação na Escócia representava pouco mais de 2 milhões de libras esterlinas, sendo menos de meio milhão em moedas de ouro e prata. Dessa forma, é possível observar que, embora a parcela da circulação em moeda metálica fosse bastante inferior à do papel-moeda, a produção de riqueza no país aumentou.

O crédito fornecido pelos bancos, especialmente por meio das contas de caixa, também teve o seu papel. Segundo Smith (1996a, p. 307), as facilidades de reembolso que as sociedades bancárias da Escócia ofereciam contribuíram de modo muito significativo para o crescimento da economia.

A ampliação dos negócios, entretanto, levou ao excesso de emissão de notas tanto na Escócia como na Inglaterra (SMITH, 1996a, p. 308). O Banco da Inglaterra, durante muitos anos, foi obrigado a cunhar ouro, aproximadamente entre 850 mil libras por ano, para suprir a troca de notas bancárias pelo metal. Apesar da grande cunhagem anual que fazia, cada ano via-se a necessidade de cunhar quase a mesma quantidade de ouro do ano anterior. A Inglaterra, além de suprir os cofres de seus próprios bancos, era obrigada a suprir o restante do reino. Por isso, o Banco da Inglaterra tinha problemas quando havia excesso de emissão de notas pelos bancos (SMITH, 1996a, p. 309).

Para evitar o problema, os bancos passaram a ter mais cuidado na concessão de empréstimos. Por exemplo, passaram a observar se em determinado período a soma dos reembolsos recebida dos clientes seria exatamente igual à soma dos adiantamentos. Caso, a soma dos reembolsos analisadas durante um período de tempo fosse menor que a soma adiantada pelos bancos, isso diminuiria a quantidade de riqueza nos cofres dos bancos e paralisaria novos empréstimos. Caso contrário, os bancos poderiam emprestar tranquilamente (SMITH, 1996a, p. 312). Outra precaução era a análise de crédito do

cliente, os bancos procuravam fazer empréstimos somente pra clientes conhecidos que efetuassem operações frequentes e regulares (SMITH, 1996a, p. 312). Essas medidas, embora nem sempre suficientes, contribuíam para reduzir a possibilidade de ocorrer excesso de emissão.

Por fim, segundo Smith, os bancos escoceses e ingleses foram fundamentais para o crescimento econômico de ambos os países. Entretanto, pelas razões já discutidas acima, os bancos escoceses funcionavam ainda melhor que os ingleses, pois, por meio de inovações financeiras como as contas de caixa, facilitavam o crédito e a mobilização de recursos para a agricultura, o comércio e a indústria.

## 6. Considerações Finais

Os bancos e o novo modelo de substituição do ouro e prata pelas notas promissórias fomentaram o desenvolvimento econômico da Escócia e Inglaterra. Segundo o pensamento de Smith foi por meio dos bancos que as sociedades passaram a ampliar seus negócios, comercializando com pessoas do mundo todo, através do papel-moeda. Como isso, houve a maior transação financeira do dinheiro na economia, uma vez que, as notas promissórias, tinham o mesmo valor das moedas metálicas. Como também, a causa do aumento dos negócios foi promovida pelo modelo criado na Escócia, denominado por contas de caixa. As contas de caixa, teve como resultado, o aumento no lucro gerado pelos comerciantes, rendendo juros em suas reservas depositadas nos bancos escoceses.

A Escócia, apesar de ser considerado um país menor, com processos econômicos mais lentos e retardados do que a Inglaterra, durante esse processo no qual se denominou de desenvolvimento dos bancos, mais que quadruplicou suas produções e agricultura, obtendo um grande desenvolvimento. Além disso, o mercado de trabalho foi beneficiado, aumentando então na prosperidade de trabalho, gerar capital, e por fim, lucro. Portanto, é possível concluir, que a economia da Escócia se desenvolveu com os novos sistemas de emissão de moedas, e créditos promovidos pelas instituições bancárias.

Foi demonstrado também que o aumento dos negócios promovido pelos bancos gerou o aumento da circulação das notas promissórias. Com isso, gerou o que Smith denomina-se de excesso de papel-moeda, que não poderiam circular na economia desses países e muito menos ser enviado para o exterior. Caso haja o excesso de notas promissórias, o excedente deveria ser enviado para os bancos da Inglaterra para que seja convertido em ouro ou prata, após a cunhagem, as moedas poderiam voltar a circular em forma de dinheiro novamente.

Baseado nisso, concluímos que este presente trabalho, abordou o estudo no qual verifica como Adam Smith descreve na obra *A Riqueza das Nações* o sistema de funcionamento do papel-moeda desenvolvido pelos bancos. Os bancos que, por sua vez, concediam empréstimos. Como consequência, promovem o desenvolvimento de novos negócios, agregando para o crescimento econômico. Dessa forma, os casos da Escócia e Inglaterra justificam o desenvolvimento econômico promovido pelos bancos, e pelo sistema de moeda. Portanto, para Smith, os bancos fomentaram a economia, como também o desenvolvimento dos negócios e comercialização desses países, nos quais,

agregaram para as melhores condições de trabalho, melhores salários, geração de capital e rentabilidade.

## **6. Referências Bibliográficas**

FRITSCH, Winston. Apresentação. In: SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**, volume I. São Paulo: Nova Cultura, 1996a.

NEUHAUS, Paulo. **A teoria monetária e bancária de Adam Smith**, s/d.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**, volume I. São Paulo: Nova Cultura, 1996a.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**, volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1996b.